

PESQUISAS SOBRE O PROGRAMA EDUCACIONAL DE RESISTÊNCIA ÀS DROGAS E À VIOLÊNCIA (PROERD)

SILVA, Adilson Gonçalves¹
GIMENIZ-PASCHOAL, Sandra Regina²

Resumo

Programas educacionais de prevenção são mecanismos utilizados para suprir necessidades, sendo importante conhecer peculiaridades de sua aplicação e resultados obtidos. O objetivo deste estudo foi identificar e analisar o método e os resultados de publicações sobre o Programa Educacional de Resistência às Drogas e à Violência (PROERD), tanto no Brasil quanto no exterior. A pesquisa foi realizada nas bases de dados Scielo, Lilacs, Medline, Cochrane e Eric, utilizando-se como descritores os termos Proerd, Dare, Programa Proerd, Dare program e Dare Project. Verificou-se que são escassas as publicações, sobretudo no Brasil, não há padronização de instrumentos de pesquisa e há divergências entre os resultados que avaliaram o PROERD. Conclui-se que é preciso ampliar a realização e a divulgação de pesquisas que investigam o desenvolvimento e os resultados do programa.

Palavras-chave: Proerd; Dare; Prevenção.

¹ Pedagogo e Mestrando em Educação pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”.
adilson.gsilva@bol.com.br.

² Docente do Programa de Pós Graduação em Educação e do Departamento de Fonoaudiologia da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - UNESP – Marília. Psicóloga, mestre e doutora em Psicologia.
sandragp@marilia.unesp.br

1. INTRODUÇÃO

Os programas educacionais de prevenção podem surgir como uma forma de suprir certas necessidades próprias da sociedade, ou simplesmente como forma de prevenir danos futuros ao homem ou à natureza em uma determinada localidade ou mesmo em um país inteiro, e atingir uma proporção global, com a sua adoção por diversos países.

A adoção de um determinado tipo de programa educacional de prevenção é feita (ou pelo menos deveria ser feita) com base em estudos que comprovem a necessidade de sua implantação, em relação aos aspectos sociais, econômicos, culturais, ou de saúde, apresentados por uma determinada população, em um determinado espaço de tempo (COZBY, 2003).

Uma das maneiras encontradas pelos governos e organizações é desenvolver programas de prevenção e de promoção de saúde destinados a escolares. Mas desenvolver programas de prevenção que abordem temáticas envolvendo as drogas e a violência e que promovam mudança de atitude requer a participação interativa dos alunos no processo de ensino-aprendizagem (BOTVIN, 2000).

Um dos grandes problemas que se verifica na realização de programas de prevenção é a falta de continuidade no treinamento de

habilidades referentes ao comportamento trabalhado, não sendo encontradas, após alguns anos, diferenças significativas entre grupos que receberam algum tipo de intervenção em comparação com grupos controle (CLAYTON; CATTARELLO; JOHNSTONE, 1996).

É complicado fazer com que as habilidades desenvolvidas nesses programas não se diluam com o passar do tempo, pois exige um conjunto de procedimentos específicos de manutenção daquilo que já foi desenvolvido (MIGUEL, 2000).

Uma das principais críticas que se faz a programas de prevenção às drogas em escolas, por exemplo, é a falta de continuidade do programa nas séries seguintes àquela que se destina o currículo (BOTVIN, 2000; CLAYTON; CATTARELLO; JOHNSTONE, 1996). Segundo esses estudos, deveria haver reforços apropriados à faixa etária e adaptados à realidade local e cultural em que o aluno está inserido.

No Brasil existem muitos programas e projetos de prevenção às drogas, como por exemplo o “Prevenção também se ensina”, o projeto “Prevenção, Educação e Drogas” (PEDDRO), o projeto “Prevenir é sempre melhor”, o programa Educação para Resistência ao Abuso de Drogas (ERAD) e o Programa Educacional de

Resistência às Drogas e à Violência (PROERD).

Alguns programas utilizam o espaço escolar como aquele mais próprio e adaptado à execução de determinados modelos e intervenções educacionais. Entre esses, os programas educacionais de prevenção às drogas, às Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST) e os programas de promoção à saúde são alguns dos que mais se desenvolvem com os alunos do ensino básico, fundamental e médio, por se mostrarem necessários à comunidade, e por terem sua ação relacionada com o contexto educacional. Tais programas são mais comumente desenvolvidos durante o ensino fundamental, e utilizam os mais variados métodos de ensino, desde abordagens baseadas em interação entre os estudantes e entre estes e o instrutor do programa, até os tradicionais slogans de “diga não às drogas” (MARTINS; MANZATO; CRUZ, 2005).

Uma forma de amparar a aplicação desses programas junto à rede pública de ensino é a previsão de temas transversais na educação.

Quando da criação dos PCNs, procurou-se abranger as mais diversas áreas de conhecimento, permitindo sua adequação às inúmeras temáticas regionais, não se restringindo às áreas de conhecimento tradicionais como a matemática, a língua portuguesa, etc. Com os temas transversais, buscou-se incluir assuntos que traduzissem a realidade nacional, mas que correspondessem também às

necessidades ou representações sociais locais, emergidos do contexto educacional ao qual cada modelo de ensino seria destinado, fazendo com que sua aplicabilidade fosse levada a efeito em todas as demais disciplinas, de forma transversal e interdisciplinar (BRASIL, 2001).

Entre os programas desenvolvidos no ensino fundamental, destaca-se no presente estudo o Programa Educacional de Resistência às Drogas e à Violência (PROERD), desenvolvido em aproximadamente 50 países, entre eles no Brasil, desde 1993. O PROERD é um programa de prevenção às drogas e à violência, desenvolvido por polícias militares junto aos alunos do ensino fundamental (5º e 7º ano), durante dez semanas, com uma aula por semana e é baseado em um programa que surgiu nos EUA em 1983, o *Drug Abuse Resistance Education* (D.A.R.E.).

Em razão de o programa ter se disseminado por diversos países, muitas pessoas passaram a se questionar a respeito dos resultados obtidos pela aplicação do programa nas escolas. Dessa forma, o programa passou a receber algumas avaliações externas, inicialmente nos EUA, com o DARE. No Brasil, o PROERD está sendo implantado desde 1993 e, apesar das proporções atingidas pelo programa, as pesquisas sobre os seus resultados são escassas, quando se verifica na literatura a respeito.

O próprio poder público, responsável pela implantação do

PROERD, não tem apresentado estudos que discutam sobre seus resultados em relação às atitudes de resistência à pressão dos colegas para o uso de drogas, referentes aos alunos que receberam a sua instrução, ou mesmo a eficiência do programa quanto ao emprego correto dos métodos e aplicação adequada do currículo perante a população alvo.

Um estudo feito no Brasil em 2007, pelo Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas (CEBRID), em conjunto com pesquisadores do *Pacific Institute For Research Evaluation* (PIRE), dos EUA, fez uma análise dos resultados apresentados pelo PROERD quatro anos após a aplicação do currículo, no município de São Paulo. Neste estudo foram investigados, por meio de questionário, 5.713 alunos da 8ª série do ensino fundamental, em 61 escolas do município, encontrando-se resultados parecidos com os que foram verificados nas pesquisas com o DARE nos EUA.

O estudo teve como principais indicações, que o programa PROERD apresentou resultados parecidos tanto para o grupo que havia recebido a instrução do programa, quanto para o grupo que não havia recebido a mesma instrução. Um impacto positivo nos fatores de riscos demonstrou que é mais provável que os alunos do programa PROERD do que os alunos que não receberam a instrução considerem o álcool e o uso de drogas como

prejudicial à saúde (JOHNSON et al, 2008).

Como ocorreu com outras pesquisas realizadas nos EUA (CLAYTON; CATTARELLO; JOHNSTONE, 1996; BOTVIN, 2000), os resultados dessa pesquisa concluíram que não houve diferença estatisticamente significativa quanto ao uso de drogas e em relação aos comportamentos afins entre o grupo de alunos que passou pelo PROERD e o grupo de alunos que não passou pelo PROERD (CEBRID, 2008).

O relatório da pesquisa sugere que o programa deve se adaptar melhor à realidade local onde será aplicado, necessitando ainda de reforços periódicos nas séries seguintes àquelas em que o programa é desenvolvido (JOHNSON, et al, 2008).

Outro estudo, realizado pelo Grupo Interdisciplinar de Estudos de Álcool e Drogas (GREA), da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (USP), foi realizado por meio de entrevistas envolvendo 10 pais, 10 profissionais do corpo docente, 1116 alunos que haviam recebido a instrução do PROERD e 522 alunos que não haviam recebido a instrução. A pesquisa, que foi realizada em 2003, concluiu que o programa havia alcançado seus objetivos iniciais, pois havia diferenças significativas entre os alunos que fizeram o PROERD e os alunos que não fizeram, sugerindo ainda que se devesse ter seqüência no aprimoramento do programa (QUEIROZ, 2003).

Os métodos e procedimentos utilizados nos programas de prevenção e de promoção da saúde têm sido discutidos por alguns autores (CLAYTON; CATTARELLO; JOHNSTONE, 1996; BÜCHELE; COELHO; LINDNER, 2006).

No âmbito de avaliação interna dos programas, os trabalhos desenvolvidos são raros e na maioria das vezes não levam em consideração as pesquisas já realizadas até o momento sobre métodos e formas de abordagem das questões ligadas aos acidentes ou ao uso do álcool e outras drogas, tanto em relação ao público jovem, quanto àqueles direcionados apenas aos familiares.

2. AVALIAÇÕES DE PROGRAMAS EDUCACIONAIS DE PREVENÇÃO

Segundo LÖH et al (2007, p. 642) “[...] resultados mais positivos em longo prazo e menores custos que a remediação [...]” são razões que justificam a implantação de programas preventivos, destacando ainda que na implementação de ações preventivas faz-se necessária a delimitação a respeito dos fatores que podem desencadear os problemas, alvo das ações preventivas.

A necessidade específica em algum setor das áreas sociais pode motivar o poder público na elaboração de metas voltadas à prevenção de problemas futuros,

iniciando-se pela identificação de fatores de proteção e de fatores de risco que possam estar presentes no ambiente a ser trabalhado (LÖH et al, 2007).

Avaliar um programa, portanto, abrange não só os resultados, mas também a resolução de problemas daqueles que atuam nos programas, formulando juízos de valor que orientem as ações, de forma ágil e contínua (PENNA FIRME, 1994).

Uma das alternativas é desenvolver estudos que envolvam delineamentos experimentais e que procurem controlar o maior número possível das variáveis, presentes no estudo (COZBY, 2003).

Mas nem sempre é possível controlar tantas variáveis em um determinado estudo que se pretende realizar, e isso às vezes restringe o pesquisador ao controle parcial das variáveis a serem estudadas ou controladas, ou ainda a utilização de delineamentos quase-experimentais, como se refere COZBY (2003, p. 238) “Os delineamentos quase-experimentais surgiram quando da necessidade de realizar pesquisas aplicadas, em situações em que não é possível atingir o mesmo grau de controle que nos delineamentos experimentais propriamente ditos”.

Os delineamentos quase-experimentais são muito utilizados em avaliação de programas educacionais, devido ao grande número de variáveis presentes nesse tipo de ambiente, e considerando-se a necessidade de se avaliar a eficácia de diversos programas desenvolvidos nas escolas, inclusive

os programas educacionais de prevenção às drogas, ou como cita COZBY (2003, p. 239), “[...] o ERAD (Educação para Resistência ao Abuso de Drogas) [...]”.

Muitas dessas pesquisas, no entanto, focam seus objetivos apenas na avaliação dos resultados, deixando de lado a investigação de inúmeras outras variáveis imprescindíveis à compreensão e à própria avaliação do programa como um todo, desde a sua formulação, o processo de adequação e de implantação, até à avaliação do resultado propriamente dito. A atividade de pesquisa exige que se façam reflexões sobre o que se entende por avaliação de programas educacionais de prevenção, e quais são seus produtos finais para a educação, sejam eles avaliações rigorosas ou apenas o estabelecimento de correlações, pois de qualquer forma e ainda que indiretamente, estamos desenvolvendo uma atividade de avaliação.

E considerando que “[...] avaliar implica um processo de julgamento, na sua essência [...]” (RAPHAEL, 1998, p. 25) e que, por meio dos resultados desse julgamento surgirão possibilidades de novas estratégias de gestão em relação aos próprios recursos, pode-se supor que o principal interessado em desenvolver avaliações dos programas e nesse caso, do PROERD, poderia ser o próprio responsável pelo programa, julgando e conseqüentemente emitindo um juízo de valor sobre o processo do qual é gestor.

Como indica DRAIBE (2004, p. 18), quando se refere às avaliações feitas pelos órgãos gestores: “Com efeito, é legítimo, embora não tão freqüentemente quanto se almejava, que os responsáveis pelo programa - ou seus beneficiários, [...] perguntem-se acerca da pertinência do seu custo ou da eficácia de suas ações”.

O compromisso dos órgãos gestores frente à avaliação ou ainda na construção de indicadores ou a disponibilização da informação acerca dos programas públicos deve-se ao tipo de avaliação que se faz, ou ainda em relação ao seu interesse em fazer avaliação. É preciso definir que tipo de avaliação será feita e a quem será destinada, bem como quem serão os interessados pela avaliação (PENNA FIRME, 1994).

PENNA FIRME (1994, p. 07) lembra que há pelo menos três grupos de pessoas interessadas quando se realiza a avaliação de um programa: aqueles que coordenam o programa, aqueles que são os destinatários e aqueles que são vítimas, devido a alguma falha na implementação. Uma avaliação de programa que contemple todas as etapas da realização do programa deve atender a esses três grupos de interesse.

As avaliações externas aos programas, portanto, feitas por setores que não participam da implantação do programa, são possibilidades de avaliações que visem os três grupos de pessoas mencionadas por PENNA FIRME (1994).

Mais importante que decidir pela continuidade ou não desse programa, é definir ou redefinir novas estratégias para o poder público, no trato com as questões que motivaram a sua implantação, ou seja, o estudo das variáveis que podem contribuir com o desenvolvimento do programa. Se esses programas são públicos, faz parte o olhar crítico do cidadão sobre as políticas, a sua implementação e seus autênticos objetivos, bem como o seu custeio pelo poder público. Como referem LIMA E MENDES (2006, p. 70): “[...] permitir que a sociedade exerça seu direito à informação e à participação deve fazer parte dos objetivos de um governo que se comprometa com os avanços dos processos democráticos”.

Em avaliações conduzidas pelos gestores, deve-se lembrar que, se o significado da palavra *avaliação* é “atribuir juízo de valor”, então esse valor será atribuído pelos próprios gestores, tanto do programa quanto da avaliação, dando margem a questionamentos quanto aos procedimentos de pesquisa ou mesmo quanto aos resultados, se os critérios não estiverem explícitos, claros e objetivos. A pesquisa conduzida por QUEIROZ (2003) sobre o programa PROERD, por exemplo, adotou procedimentos e instrumentos diferentes de outra pesquisa realizada por JOHNSON et al (2008), ambos no Brasil. Os resultados das duas pesquisas também foram diferentes.

3. OBJETIVO

O objetivo deste estudo foi identificar e analisar o método e os resultados de publicações sobre o Programa Educacional de Resistência às Drogas e à Violência (PROERD) no Brasil e nos demais países onde o programa é desenvolvido.

4. MÉTODO

A pesquisa foi realizada nas bases de dados Scielo, Lilacs, Medline, Cochrane e Eric, utilizando-se como descritores os termos “PROERD”, “DARE”, “Programa PROERD”, “DARE program” e “DARE Project”, entre os meses de agosto e setembro de 2009. Não foram feitas restrições em relação à língua.

Foram selecionados trabalhos que se direcionavam ao DARE/PROERD como objeto principal de estudo e que evidenciavam o método utilizado e os resultados atingidos. Na seleção dos artigos está presente o caráter discricionário do pesquisador, que agrupou os artigos que iam ao encontro dos objetivos propostos para o presente estudo.

As bases de dados Scielo e Cochrane foram as primeiras bases pesquisadas e, portanto, as demais bases de dados, quando continham artigos que se repetiam, eram descartados do resultado final do levantamento. Entre os 58 trabalhos encontrados, quatro artigos foram

selecionados e descritos por apresentarem o maior número de informações e sintetizarem as informações contidas nos demais artigos.

5. RESULTADOS

No Brasil não foram encontradas publicações de artigos sobre o DARE/PROERD nas bases de dados pesquisadas, utilizando-se os descritores relacionados, durante o período descrito.

As análises feitas, a partir da publicação dos estudos sobre o DARE/PROERD, demonstraram inicialmente que os métodos utilizados para se pesquisar programas de prevenção não seguem propriamente uma uniformidade quanto aos instrumentos utilizados ou mesmo em relação aos procedimentos nos estudos (HARMON, 1993; CLAYTON; CATTARELLO; JOHNSTONE, 1996; BOTVIN, 2000).

As pesquisas que utilizaram grupos de alunos que receberam a intervenção do programa DARE/PROERD, juntamente com grupos de alunos que não receberam a mesma intervenção, fizeram um acompanhamento dos dois grupos ano a ano (no período de 4 anos) e analisaram as atitudes dos alunos em relação às drogas e envolvimento destes com atos de violência, posteriores à aplicação do programa, não encontrando diferenças significativas.

A maioria das pesquisas não foi disponibilizada de forma integral, pela internet, para análise ou para que pudessem ser até replicadas por outros pesquisadores, dificultando a análise dos resultados em comparação com os métodos de pesquisa e objetivos dos estudos.

Alguns estudos eram cobrados pelo envio de sua versão completa, e um estudo foi publicado somente seu resumo (JOHNSON et al, 2008); neste caso, apesar da pesquisa ter se desenvolvido no Brasil, o trabalho completo foi disponibilizado por meio de contato direto com o pesquisador, nos EUA.

As pesquisas que estavam disponíveis e que puderam ser analisadas, investigavam os resultados do programa acerca de comportamentos que pudessem ser relacionados ou correlacionados com o currículo desenvolvido pelo DARE até o ano de 2006 (Currículo anterior), e as especificidades do programa em relação às características de seus instrutores (Policiais).

A base de dados em que se verificou o maior número de estudos sobre o DARE/PROERD foi a Eric, com 122 (78,8%) artigos publicados, seguida pela Medline com 19 (12,2%) artigos e a Cochrane com 14 (9,0%) artigos publicados.

Nas bases Scielo e Lilacs não foram encontrados estudos relacionados ao DARE/PROERD à época em que se realizaram as buscas, com os descritores que foram utilizados.

Alguns dos estudos encontrados durante a busca traziam maior número de dados sobre o método utilizado na pesquisa e sobre os resultados, servindo melhor ao propósito deste estudo. Outros estudos, porém, não explicitavam os procedimentos de pesquisa, ou mesmo o tipo de instrumento utilizado.

O melhor aproveitamento dos artigos foi encontrado na base de dados Cochrane, com 11 estudos aproveitados entre os 14 encontrados, e 19,0% em relação ao total de artigos que foram incluídos neste estudo. Nesta base de dados a maior parte das pesquisas pôde ser utilizada no presente estudo. Na base de dados Medline 8 entre os 19 artigos encontrados puderam ser aproveitados, ou 13,8% do total de artigos incluídos. Na base de dados Eric apenas 39 dos 122 artigos foram incluídos no presente estudo, com 67,2% em relação ao total (Tabela 1).

Tabela 1 - Frequência e percentagem dos estudos publicados sobre o Dare/Proerd e dos estudos incluídos no presente trabalho, de acordo com as bases de dados investigadas.

Base de dados	Artigos encontrados		Artigos incluídos no estudo	
	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%
Scielo	---	---	---	---
Cochrane	14	9,0	11	19,0
Eric	122	78,8	39	67,2

Lilacs	---	---	---	---
Medline	19	12,2	8	13,8
<i>Total</i>	155	100	58	

Nos EUA, algumas pesquisas foram feitas com o objetivo de verificar a existência de possíveis correlações entre a aplicação do programa DARE e comportamentos de auto-cuidado, auto-estima e conhecimento em relação às drogas e à própria saúde, nos jovens que receberam sua instrução. Foram desenvolvidos estudos longitudinais com grupos que receberam a intervenção, juntamente com grupos controle, que não receberam a intervenção do PROERD. Alguns desses artigos selecionados relataram por completo os procedimentos utilizados nas pesquisas. (HARMON, 1993; CLAYTON; CATTARELLO; JOHNSTONE, 1996; BOTVIN, 2000; BIRKELAND; MURPHY-GRAHAM; WEISS, 2005).

HARMON (1993) comparou 341 alunos que participaram do programa DARE, com 367 alunos que não participaram do programa, por meio de aplicação de um questionário, concluindo que não houve diferença significativa encontrada no uso de tabaco e maconha no último ano, bem como na frequência de qualquer uso de drogas no último mês ou ainda diferença em relação ao relacionamento com a polícia, estratégias de como lidar com a pressão negativa dos colegas, apego e compromisso com a escola,

comportamento rebelde e auto-estima.

CLAYTON, CATTARELLO e JOHNSTONE (1996) desenvolveram um estudo longitudinal, pesquisando crianças que participaram do DARE e que responderam a um questionário antes, logo após e, ano a ano, durante cinco anos consecutivos à participação no DARE. A pesquisa mostrou que nos resultados logo após o término do DARE foram encontradas algumas mudanças de atitudes direcionadas ao não uso de drogas e/ou atos de violência, mas que, com o passar dos anos, tiveram diminuídas essas diferenças entre os grupos DARE e NÃO-DARE, até tornarem-se, com o passar dos anos, insignificante ou de igual proporção as diferenças entre os grupos.

BOTVIN (2000) fez um relato acerca dos principais métodos de ensino utilizados pelos programas de prevenção, salientando que informações isoladas sobre drogas podem aumentar o seu uso. Botvin considerou como estratégia equivocada o discurso de “guerra às drogas”, sugerindo ainda que a falta de resultados positivos no efeito do DARE pode ser devido a erros nos métodos utilizados durante as aulas, que são menos interativos do que os métodos utilizados por outros programas de prevenção às drogas mais bem sucedidos.

BIRKELAND, MURPHY-GRAHAM e WEISS (2005) desenvolveram uma pesquisa em dezesseis escolas distritais, perguntando aos gestores,

responsáveis pela aplicação do DARE nos EUA, se eles achavam que algumas lições seriam capazes de modificar o comportamento dos adolescentes em relação ao uso/abuso de drogas. O pesquisador teve como resposta que eles, os gestores, estavam conscientes de que isso não ocorreria, mas que havia uma melhora significativa no relacionamento do aluno com a Polícia e com a sociedade em geral e que esse resultado já era positivo e suficiente.

Segundo as pesquisas encontradas, em geral, a instrução oferecida pelo programa DARE/PROERD leva o jovem a ter maior consciência acerca dos riscos do uso de drogas, tendo maior impacto positivo em relação à percepção das conseqüências do uso dessas substâncias, mas não o impede de utilizá-la. Esses jovens também demonstraram um aumento positivo da percepção do poder de influência da mídia em relação às drogas, além da percepção do comportamento de pressão exercida por colegas usuários de algum tipo de substância psicoativa (HARMON, 1993; CLAYTON; CATTARELLO; JOHNSTONE, 1996; BOTVIN, 2000).

Os estudos, porém, demonstraram que os resultados podem variar, dependendo dos fatores sócio-econômicos, de sexo ou de raça/etnia.

Os estudos que fazem um acompanhamento e avaliação dos grupos de alunos que receberam a instrução do DARE/PROERD

(HARMON, 1993; CLAYTON; CATTARELLO; JOHNSTONE, 1996; BOTVIN, 2000; JOHNSON, et al, 2008), ressaltaram que os gestores do programa devem se preocupar em fazer mudanças no método de ensino, e melhorar a interatividade entre os alunos e entre esses e os seus instrutores, durante as aulas. Também foi sugerida a possibilidade de se adequar o currículo com a realidade local onde o programa é aplicado, respeitando-se assim as necessidades e peculiaridades de cada comunidade onde o programa está sendo desenvolvido.

Outro ponto que se destacou é a necessidade de realizar a instrução do programa em diversas etapas da vida escolar dos alunos, nos anos subsequentes, como se fosse um reforço do ensino já oferecido. Segundo esses estudos, apenas 17 sessões ou 10, como é atualmente no novo currículo, não são suficientes para desenvolver as habilidades necessárias à recusa de drogas por parte dos escolares, propiciar comportamentos saudáveis como alternativa ao uso de drogas e desenvolver a resistência às pressões dos colegas.

Segundo as conclusões dessas pesquisas, seria necessário um acompanhamento com reforços sucessivos e periódicos, durante a vida escolar dos alunos.

6. CONCLUSÕES

Por meio do presente estudo observou-se que há pesquisas que

investigam o desenvolvimento e os resultados do currículo utilizado pelo programa DARE/PROERD, no Brasil e no exterior.

Foi observado também que, em relação às publicações, há poucos estudos que são divulgados e disponibilizados em meio eletrônico, no exterior. No Brasil não foi encontrada qualquer publicação sobre o assunto nas bases de dados pesquisadas, durante o período em que se conduziu este estudo.

Quanto aos resultados das pesquisas sobre o desempenho do DARE/PROERD, a maior parte dos estudos conclui que não há diferenças significativas nos resultados apresentados por alunos que fizeram o DARE/PROERD em comparação com alunos que não fizeram o programa, quanto ao uso de drogas ou comportamentos de violência, exceto em relação às variáveis como autoestima e auto-cuidado, que foram observados entre os escolares.

Alguns estudos, no entanto, apontam que o PROERD tem resultados positivos tanto em relação à autoestima, auto-cuidado e resistência à pressão dos colegas, quanto diretamente relacionados às perspectivas do jovem em relação ao uso de drogas (QUEIROZ, 2003).

Estes estudos foram conduzidos três ou quatro anos após os alunos terem recebido a intervenção do programa, e alguns foram realizados durante alguns anos, acompanhando a vida escolar do aluno.

A ausência de reforços nos anos seguintes à sua implementação é sugerida como uma das causas dos resultados semelhantes entre os grupos que receberam a instrução do programa e o grupo controle. Algumas aulas adaptadas para o 6º ou 7º ano poderiam ser oferecidas aos alunos como forma de reforço ao currículo já desenvolvido.

As pesquisas sobre o DARE/PROERD apontaram ainda algumas propostas de alterações que poderiam ser feitas no programa a fim de que houvesse adequabilidade do currículo com o público alvo.

Sugere-se, ainda, que outras pesquisas devam ser conduzidas com o objetivo principal de verificar se os erros apontados e as sugestões propostas por esses pesquisadores foram levados em consideração pelos órgãos gestores, ou se a sua incorporação no programa proporcionou resultados melhores do que aqueles já encontrados.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BIRKELAND, S; MURPHY-GRAHAM, E; WEISS, C.** *Good reasons for ignoring good evaluation: The case of the drug abuse resistance education (D.A.R.E.) program.* (2005) *Evaluation and Program Planning*, 28 (3), p. 247-256.
- BOTVIN, G. J.** *Preventing drug abuse in school: social and competence enhancement approaches targeting individual-level etiologic factors.* *Addictive Behaviors*. 2000; 25:887-97.
- BÜCHELE, F.; COELHO, E. B. S.; LINDNER, S. R.** *A promoção da saúde enquanto estratégia de prevenção ao uso das drogas.* *Ciência e Saúde Coletiva*, v. 14, n. 1, p. 267-273, 2009.
- BRASIL.** Ministério da Educação. *Parâmetros curriculares nacionais.* Brasília: A Secretaria, 2001.
- CEBRID.** *Resultados da pesquisa de avaliação sobre o Programa Educacional de Resistência às Drogas e à Violência – Proerd.* Boletim CEBRID nº 57, 2008. Disponível em <http://www.cebrid.epm.br/index.php>.
- CLAYTON, R. A.; CATTARELLO, A. M.; JOHNSTONE, B. M.** *The effectiveness of Drug Abuse Resistance Education (Project DARE): 5-year follow-up results.* *Preventive Medicine*, 1996, 25, 307-318.
- COZBY, P. C.** *Métodos de pesquisa em ciência do comportamento.* Trad. Paula Inês Cunha Gomide, Emma Otta. São Paulo: Atlas, 2003.

- DRAIBE**, S. M. *Avaliação de implementação: esboço de uma metodologia de trabalho em políticas públicas*. In: **BARREIRA**, M.C.R.; **CARVALHO**, M.C.B. (organizadores). *Tendências e perspectivas na avaliação de políticas e programas sociais*. São Paulo: IEE/PUC; 2004. p. 15-42.
- JOHNSON**, K. W. et al. *Avaliação DARE (PROERD): um acompanhamento de quatro anos em São Paulo, Brasil*, Monografia, São Paulo: CEBRID, 2008.
- HARMON**, M. A. *Reducing the Risk of Drug Involvement Among Early Adolescents: An Evaluation of Drug Abuse Resistance Education (DARE)*. Evaluation Review, Apr 1993; 17: 221 - 239.
- LIMA**, R. N.; **MENDES**, O. C. *A Gestão da Política de Educação: Contrapontos entre Descentralização e Avaliação na Lógica da Reforma do Estado*. In: **LIMA**, Rosângela Novaes ; **CABRAL NETO**, Antonio; **VIEIRA**, Ilma. (Org.). *Política Pública de Educação no Brasil*. Compartilhando Sucessos e Reflexões. 1 ed. Porto Alegre: Sulina, 2006, v. 1, p. 54-80.
- LÖH**, S. S. et al. *Avaliação de programas preventivos: relato de experiência*. Psicologia em Estudo. Maringá, v. 12, n. 3, p. 641-649, 2007.
- MARTINS**, R. A.; **MANZATO**, A. J.; **CRUZ**, L. N. *O uso de bebidas alcoólicas entre adolescentes*. In **CASTRO**, L. R.; **CORREA**, J. (Orgs). *Juventude contemporânea: perspectivas nacionais e internacionais*. Rio de Janeiro: NAU Editora – FAPERJ, 2005.
- MIGUEL**, C. F. *O conceito de operação estabelecida na análise do comportamento*. Psicologia: Teoria e Pesquisa. 2000, vol.16, n.3, p. 259-267.
- QUEIROZ**, S. *Avaliação do Programa Educacional de Resistência às Drogas e à Violência (PROERD)*. Monografia - USP, São Paulo, 2003.
- PENNA FIRME**, T. *Avaliação: tendências e tendenciosidades. Ensaio: Avaliação de Políticas Públicas Educacionais*, Rio de Janeiro, v. 1 (2) 5-12, 1994.
- RAPHAEL**, H. S. *Avaliação escolar: em busca de sua compreensão*. São Paulo: Brasiliense, 1998.